



PERFORMANCE: UMA AULA

Larissa Ferreira. UnB
 Maria Beatriz de Medeiros. UnB

RESUMO: O objetivo de uma das aulas iniciais da disciplina “Intervenção, performance, instalação” do curso de graduação em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, ministrada no 1o semestre de 2012 por Larissa Ferreira e Maria Beatriz de Medeiros, era dar uma aula sobre performance, seu conceito, suas possíveis definições. A aula foi dada, no entanto, nada foi dito, pelas ministrantes. Partiu-se da metodologia do questionamento, para a obtenção deste conceito a partir da opinião dos alunos presentes. Este texto parte dos pontos levantados, das discussões que existiram e não busca ser conclusivo.

Palavras-chave: arte, performance, aula.

RESUMEE: *L'objectif d'une des premières leçons de la discipline "Intervention, performance, installation" du cours d'Arts Visuels du Département des Arts Visuels de l'Université de Brasília, 1^{er} semestre de l'année 2012, offert par Larissa Ferreira et Maria Beatriz de Medeiros, était de donner une classe sur la performance, son concept, ses possibles définitions. La classe a été donné, cependant, rien n'a été dit, par les professeurs. Il a commencé par la méthodologie de mettre en question pour obtenir ce concept du point de vue des étudiants présents. Ce texte part des points soulevés, des discussions qui ont apparus et ne cherche pas à être concluant.*

Mots-clés: *art, performance, discipline.*

A performance é uma exterioridade diante do mercado de arte. Sendo obra de arte efêmera, ela está muito longe de ser objeto de consumo. Sendo imaterial, ela se nega como bem de consumo. Percepção e sensação. Sendo muitas vezes realizada em grupo, ela desafia o conceito de autoria. Aberta à participação do espectador (iterator), ela radicaliza seu caráter gasoso.

A performance é carinho por ser metamorfose: inédita, efêmera, translinguística, grupal, inter-subjetividade. Ela se inventa a cada atuação relacionando-se com o espaço específico onde se dá. Improviso. Ela é linguagem sem gramática, sem léxico. Não funda conceitos, testa, experimenta. Realiza-se e nada conclui. Deixa o iterator abandonado à sua percepção desestabilizada. (MEDEIROS, 2007, p. 114)

O objetivo de uma das aulas iniciais da disciplina “Intervenção, performance, instalação” do curso de graduação em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, ministrada no 1º semestre de 2012 por Larissa Ferreira e Maria Beatriz de Medeiros, era dar uma aula sobre performance, seu conceito, suas possíveis definições. A aula foi dada, no entanto, nada foi dito por

parte das professoras ministrantes. Partiu-se da metodologia do questionamento, para a obtenção deste conceito a partir da opinião dos alunos presentes.¹ É possível obter-se um conceito de performance? Como se obtém um conceito de performance? Na teoria? Na prática?



Performance sem título.

Turma de performance, 1º 2012. Rodoviária do Plano Piloto, DF. 2012.

A primeira ideia foi a de performance como ação, ação premeditada. De fato, no premeditar há o conceito de intencionalidade. Não estamos nos referindo à intencionalidade entendida em seu conceito filosófico e/ou fenomenológico, mas no sentido usual do termo: ter uma intenção, um objetivo, certa clareza sobre a ação a

ser realizada. Uma performance, se realizada na rua, aberta à participação do público, pode ter uma intenção fixa, fechada? Se o transeunte invade, inverte, reverte a ação, o que será da intenção?

Podemos levantar, também, que há na performance in-tensão: presença de tensão. Tensão, apreensão, presença e um ser de alguma forma despido de uma ou mais máscaras. Por vezes, para vestir outra(s). Na in-tensão cabe, ainda, a ideia de uma não tensão. E da mesma forma diremos apreensão, presença e provocação.

A intenção e a in-tensão trazem consigo ideias. A ideia, a concepção da performance, pode ser mais ou menos clara. Na maior parte das vezes, uma intenção faz nascer diversas leituras. Isto é, a intenção se realiza na in-tensão aberta ao desconhecido. Se considerarmos a performance realizada na rua, este desconhecido será um mar de possibilidades. Aqui o público pode ser qualquer um, muitos, diferentes visões, um milhão de “leituras”, sensibilidades, reações.

Esta ação premeditada envolve estética. Cabe discutir o conceito de estética e diremos que estética é aquilo que toca os sentidos (Medeiros, 2007), nossos onze sentidos e o sentido (AQUINO & MEDEIROS, 2011). Os onze sentidos são uma provocação (performance?) do *Corpos Informáticos*² onde cabe a cada um detectar seus onze sentidos, buscá-los em si. E o sentido é o significado ou o assignificado como queriam Deleuze e Guattari.

Assim como há expressões assemióticas ou sem signos, há regimes de signos assemiológicos, signos assignificantes, simultaneamente nos estratos e no plano de consistência (DELEUZE & GUATTARI, 1995 (a): 84).

Um dos interesses profundos dos livros de Castañeda, sob a influência da droga ou de outras coisas, e da mudança atmosférica, é precisamente o de mostrar como o índio chega a combater os mecanismos de interpretação para instaurar em seu discípulo uma semiótica pré-significante ou mesmo um diagrama assignificante: Chega! Você me cansa! Experimente ao invés de significar e de interpretar! Encontre você mesmo seus lugares, suas territorialidades, seu regime, sua linha de fuga! Semiotize você mesmo, ao invés de procurar em sua infância acabada e em sua semiologia de ocidental (DELEUZE & GUATTARI, 1995 (b), p. 81).

Quais são seus onze sentidos? Procure! Ache! Esconda! Redimensione! Brinque, na cama, na sala, no parquinho das crianças! Pergunte-se: quais são meus onze sentidos? Faz sentido? A estética envolvendo nossos onze sentidos e o sentido é necessariamente *ecossistema estético*, como sugere Afonso Medeiros,

presidente da ANPAP (2013) na chamada para o 22º Encontro Nacional ANPAP, que se realizará na cidade de Belém-PA entre 15 e 20 de outubro de 2013.

Para nós, a arte, e, sobretudo a performance pode ser este diagrama assignificante. Ele exige que cada um percorra suas linhas de fuga momentâneas, a cada situação, *desterritorializante*. Linhas de fuga podem ser momentaneamente coletivas, em performances realizadas em grupo ou em performances que abraçam o público, tornando-o iterator.



Turma de performance, 1º 2012. Experimentações na borda do Lago Paranoá, Brasília, DF. 2012.

Outro termo surge quando pensamos performance: “acontecimento”. O acontecimento aqui pode ser entendido com auxílio do conceito foucaultiano:

E assim, submergindo a aparência, rompendo os seus ligamentos com a essência, aparecerá o acontecimento; expulsando o peso da matéria, aparecerá o incorporal; rompendo o círculo que imita a eternidade, a insistência intemporal; purificando-se de todas as misturas com a pureza, a singularidade impenetrável; afastando a falsidade da falsa aparência, a aparência mesma do simulacro [...] O acontecimento – a ferida, a vitória /derrota, a morte - é sempre efeito, perfeita e belamente produzido por corpos que se entrechocam, se misturam ou se separam (FOUCAULT, 2005, p. 80/87).

Muitas vezes a performance requer improvisado e instantâneo, surpresa. A surpresa é inversamente proporcional ao rendimento, ao desempenho (palavra que o software insiste em sugerir a cada vez que escrevemos “performance”). Performance desempenha? Performance rende? A performance lança.

A performance é lance. Lyotard (2011, p.17) afirma que, na ausência de regras, não existe jogo. E qual o jogo da performance? Se a performance não tem regra, ela pode ser chamada jogo? A performance é lance, jogo sem regras e, simultaneamente, desvio do jogo e da linguagem. A performance do Corpus Informáticos é fuleira. “Quanto mais um lance é forte, mais fácil é recusar-lhe o consenso mínimo, justamente porque ele muda as regras do jogo sobre as quais havia consenso” (LYOTARD, 2011, p.115). A música faz filosofia: “Traição é traição, romance é romance. Amor é amor e um lance é um lance”.³

A arte contemporânea que não consegue ser conceituada por teóricos, críticos, historiadores da arte, aquela que é heterogênea, múltipla, diversa, dispersa, que foge das regras, normas e bordas pode ser fidelidade às tendências, às instituições legitimadoras, fidelidade ao mercado, enfim, uma fidelidade capitalista. Pode também ser traição. E é esta arte que nos interessa, isto é, a arte contemporânea como traição. Tragam suas traíras! (FERREIRA; LEÃO; MEDEIROS; MENCARINI, 2009, p. 898)

A performance pode ser dissenso que muda as regras. E caso seja jogo, será um jogar sem regras ou regras em constante modificação, pois consenso não há. Antimodelos de regras. “Pode se realizar um lance pelo prazer de inventá-lo.” (LYOTARD, 2011, p.17) A performance, ainda muito fora dos circuitos comerciais da arte, acontece muitas vezes “apenas” pelo prazer, ou desprazer, de inventar: inventar o outro, inventar um outro, ato político, questionamento, errância daquele que voluntariamente erra, errância crítica nas cidades movidas a gestos repetidamente efetuados, errância nas vizinhanças que não mais acasalam. Ela será deslocamento, gerará estranhamento e o necessário balanço dos onze sentidos e do sentido.

Queremos o prazer da invenção, sem pertencimento. Lance sem pertencimento às regras, lance sem dados. A performance é linguagem sem pertencimento, pois, antes de mais nada, ela é um lance que atravessa a linguagem... Jogo de experimentação sobre a linguagem: poética.

O lance é o inesperado e provoca deslocamento, ação-lance que gera reação, posição provocação. O público, na performance, torna-se iterator, seus onze sentidos remexidos são a prova da ação, ação à prova. Qual a prova da performance? Algum resíduo ou o que sobrou? Sendo infinito, através do finito, a

prova é provar. Saborear a presença que se esvai... O efêmero infinito findou. Resta o registro que também deve ser lance.

Sendo antimodelo de regras, a performance poderá ser programa, mas não rota. Programa não enquanto programar, verbo no infinitivo. Programa enquanto programação, algo em curso, no curso, vagando pelos gases em meio a ventos. Programação: programar uma ação, isto é, intencionalidade. Se o roteiro lida com o pré-determinado, a programação lida somente com o premeditar. E a palavra, cabe? A palavra, na performance, pode ser faca de um só gume e isto, acreditamos, não interessa. Ela é faca de um só gume quando direciona a leitura da ação para um sentido finito, unívoco. A performance não deve gritar: “Abaixo o Estado!”, como queria Jean Duvignaud (*ad tempura*). A performance deve ser faca de muitos legumes.

Qual a palavra da performance? A palavra tem peso, muitas vezes define, fixa. Com seu peso se sobrepõe. O corpo não é separado do corpo-pensamento. A palavra não é separada do corpo. Atravessamentos do corpo da palavra, estados do talvez. Pensamento como ação corporal. Estado interrogativo onde não há linha reta, há espiral.

A performance não é transe, é mergulho. Mergulho no lance, no grupo e no espaço onde se instala. O conceito de transe define-se por suas regras, pelos estados que transitam entre o cotidiano e a liminaridade, pelas transformações de agrupamentos sociais em *communitas*. Assim, se o transe parte de regras que normatizam as etapas para se chegar e sair destes estados, a performance, muitas vezes desregrada, não se quer normatizada em etapas. A performance é nomadizante. Ela não quer saber do fim ou do começo, se realiza como meio, intervalo, *intermezzo*, mergulho no fluxo. A performance não se quer ritual. Neste, gestos e posições estão definidas ou, no mínimo, delineadas.

A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, que devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa. (FOUCAULT, 2007, p. 38)

Ao performar, muitos querem causar deslocamento, estranhamento. Não cabe tomar a cultura enquanto performance. Muitos defenderão a performance cultural, lerão a cultura enquanto performance e não enquanto arte. A performance, à qual nos referimos, é, antes de tudo, arte. Pode ser parte, composição, composição e decomposição urbana, pode ser séria ou fuleira, resultado de diversas intrujices em si mesmo ou puro pulo, mergulho no real/atual, mas necessariamente arte.

Aqui o corpo é matéria, material, local e lugar. Talvez subjétil.

Acerca do subjétil *dever-se-ia*, sim, *dever-se-ia* escrever o intraduzível. [...] um subjétil parece intraduzível [...] um subjétil, ou seja, o suporte, a superfície, o material, o corpo único da obra em seu primeiro acontecimento, *no nascimento*, aquilo que não se deixa repetir, aquilo que se distingue tanto da forma quanto do sentido e da representação, também desafia a tradução (DERRIDA, 1998, p. 29).

Duas questões devem ainda ser tratadas: a participação do público, agora e aqui, entendido como iterator e a questão do local da performance.

O que se busca, no nosso conceito de performance, é iteração. Tratamos o público participante como iterator. Este se relaciona com o itinerante, com o errante, com o sujeito transeunte que se permite descobrir os espaços, errar.

O iterator é nômade, ora participante, ora expectador (expectador: aquele que está na expectativa; diferente do espectador: aquele que espera), ora performer. O estado nômade do performar transborda entre os presentes. Este rasga os limites entre a primeira pessoa, o autor, e a terceira pessoa. Ele rasga para ser nós. Mobilidade e fluxo entre aquele que realiza o acontecimento e aquele que atualiza o acontecimento, isto é, o iterator.



Performance **No sex**. Por Larissa Ferreira. Convidado: Cedric Aveline.
Evento Performance, Corpo, Política do Cerrado. Lago Oeste, DF. 2012.

O local onde a performance é realizada modifica possíveis “leituras”, havíamos mencionado. Muitas vezes, uma performance de rua, encontra iteradores não formados para uma “leitura” da arte, aí ela é deslocamento, verdadeiramente (se verdade existe) acontecimento. Outras vezes, há muitos potenciais iteradores “formados”, conhecedores de arte, tão conhecedores que deixam de ser fruidores. São intelectuais que se dizem: “isto já foi feito nos anos 70, em Londres”, ou “assisti em Tóquio, em 1982, algo muito similar”, ou efetivam leituras interpretativas psicologizantes, ou leituras dos possíveis campos socialmente corretos, ou não, da ação, enfim, intelectuais, ou pseudo-intelectuais, certamente membros das esferas autodenominadas superiores.

Porém, por vezes, o local onde esta é realizada já é tão “vacinado” que a performance perde sua potência. Por vezes, sendo muito solicitado para ações artísticas, o local é impregnado de preconceito contra estas ações. O público limita-se a distanciar a ação de sua vida corrida: - “Loucos”, na rodoviária do Plano Piloto de Brasília, “artistas” na praça da Estação em Belo Horizonte. - “É teatro”, e a performance perde sua potência.



Performance **Cabrobó Tecnológico**. Por Turma de Performance, 1º 2012:
 Fábio Campos Coelho (Thu Bin), Mateus Costa, Victor Valentim;
 Jackson Marinho (Corpos Informáticos); Alex Canuto (participação espontânea).
 Evento Performance, Corpo, Política do Cerrado. Lago Oeste, DF. 2012.

Concluindo: a performance pode ser uma aula, ou a aula seria uma performance?

NOTAS

¹ Os “alunos” presentes eram alunos de Graduação do Departamento de Artes Visuais, Artes Cênicas, Música e Antropologia, mas também havia uma orientanda de TCC em Artes Visuais, uma mestranda em Artes (UERJ), um mestrando em Antropologia (UnB), um doutorando em Ecologia, duas monitoras, e pessoas simplesmente interessadas na aula. Idílio Cardosi, Gabriel Lopes Marques, Roselena Alves Campos, Mariana Brites, Lucas Figueiro de Oliveira, Thaís de Oliveira Campos, Fábio Campos Coelho (Thu Bin), Natasha de Albuquerque Correa, Ludmila Carvalho de Sousa, Elisa de Lima Cunha, Mateus de Carvalho Costa, Victor Valentim, Lorraine Reategui, Tauana Parreiras, Sara Spinassé, Mirela Ferraz, Rosa Schramm, Fausto Augusto Candido, Luara Learth, Caio de Miranda (Cabelo), Jean Bottentiut.

² Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos. www.corpos.org www.performancecorpopolitica.net

³ Carlos e Jader. Sou Foda. Fonte: www.vagalume.com.br/carlos-e-jader/sou-foda.html#ixzz1zV5XdJda

REFERÊNCIAS:

AQUINO, Fernando & MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Corpos Informáticos. Performance, corpo, política**. Brasília: PPG-Arte/UnB, 2011.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs 1**. São Paulo: editora 34, 1995 (a).

_____ **Mil Platôs 2**. São Paulo: editora 34, 1995 (b).

_____ **Mil Platôs 3**. São Paulo: editora 34, 1996.

DERRIDA, Jacques. **Enlouquecer o subjétil**. São Paulo: Ateliê Editorial; UNESP, (1998).

FERREIRA, Larissa; LEÃO, Maicyra; MEDEIROS, Maria Beatriz; MENCARINI, Marta. Salvador: EDUFBA, p.898-907, (2009). Arte Contemporânea como Traição ou Tragam suas Traíras! In **Anais do 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Disponível em <www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/cpa/maria_beatriz_de_medeiros.pdf>. Acesso em 28 de março de 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. São Paulo: ed. Loyola, 1996. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.

_____ **Um diálogo sobre os prazeres do sexo**. Nietzsche, Freud, Marx. Theatrum Philosophicum. São Paulo: Landy, 2005.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Aisthesis**. Arte educação e comunidades. Chapecó: Argos, 2007.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. Performance artística e espaços de fogo cruzado. IN Medeiros, M.B. e Monteiro, M.F.M. **Espaço e performance**. Brasília: PPG-Arte/UnB, 2007.

Larissa Ferreira (BA). Licenciada em Dança pela UFBA (2007-bolsista CNPq/Pibic e bolsista de estudos coreográficos- FAPEX). Mestre em Arte Contemporânea pela UnB (2010-bolsista CAPES). Doutoranda na UnB (bolsista CAPES). Tema da pesquisa de mestrado: dança, performance e novas tecnologias, orientada pela professora PhD. Maria Beatriz de Medeiros.

Maria Beatriz de Medeiros. Doutora em Arte, Pós-doutora em Filosofia. Arte contemporânea, performance. Coordenadora do PPG-Arte, UnB.